

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE REFERENTES NO TEXTO: UMA ATIVIDADE DE NATUREZA SOCIOCOGNITIVA

THE PROCESS OF REFERENTS CONSTRUCTION IN THE TEXT: A SOCIO-COGNITIVE NATURE ACTIVITY

José Alves Ferreira Neto¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a natureza sociocognitiva da construção dos referentes nos textos. Para a realização deste trabalho, seguimos o pressuposto de que a ação de referir se constitui como uma atividade em que a realidade é reconstruída mediante o processo de interação, com base nas atividades sociocognitivas empreendidas pelos interlocutores. Estabelecemos como questão principal de nosso estudo analisar como as expressões referenciais e as demais pistas linguísticas que auxiliam na construção dos processos referenciais evidenciam a natureza sociocognitiva do fenômeno da referenciação. Em nossa análise, examinamos a natureza eminentemente sociocognitiva do fenômeno da referenciação em três textos pertencentes ao gênero piada. Concluímos, com a análise dos textos, que o processo referencial é essencialmente sociocognitivo, uma vez que os aspectos sociais e o aparato cognitivo se entrelaçam na compreensão dos textos, o que demarca o caráter essencialmente dinâmico do processo. Para a realização deste estudo, adotamos como pressupostos teóricos os postulados da referenciação, conforme, sobretudo, Mondada e Dubois (2003), Cavalcante (2012), Custódio Filho (2011) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014).

PALAVRAS-CHAVE: Construção de referentes. Natureza sociocognitiva. Processos referenciais.

ABSTRACT: This article aims to analyze the sociocognitive nature of the construction of referents in the texts. To carry out this work, we follow the assumption that the action of referring is constituted as an activity in which reality is reconstructed through the process of interaction, based on the socio-cognitive activities undertaken by the interlocutors. We established as the main question of our study to analyze how the referential expressions and the other linguistic clues that help in the construction of the referential processes show the sociocognitive nature of the referencing phenomenon. In our analysis, we examined the eminently sociocognitive nature of the referencing phenomenon in three texts belonging to the joke genre. We conclude, with the analysis of the texts, that the referential process is essentially socio-cognitive, since the social and cognitive aspects are intertwined, in the understanding of the texts, which demarcates the essentially dynamic character of the process. To carry out this study, we adopted as theoretical assumptions the referential postulates, as, mainly, Mondada and Dubois (2003), Cavalcante (2012), Custódio Filho (2011) and Cavalcante, Custódio Filho and Brito (2014).

¹ Doutorando em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor efetivo da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza e da Secretaria da Educação do Ceará. Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: jfnetoce@gmail.com.

KEYWORDS: Construction of referents. Sociocognitive nature. Referential processes.

Introdução

O fenômeno da referencialização é um assunto muito importante nos estudos linguístico-discursivos. Mondada e Dubois (2003), que lançaram os pressupostos basilares dessa proposta teórica no âmbito da Linguística Textual, explanam que a referência é um ato de reelaboração criativa e situada da realidade, que envolve experiências e percepções no funcionamento da língua como atividade sócio-histórica, discursiva e cognitiva.

A partir desse enfoque, a ação de referir se constitui como um fenômeno em que a realidade é reconstruída no/pelo discurso, com base nas atividades sociocognitivas empreendidas pelos interlocutores. Dessa forma, a construção e reconstrução de referentes é de suma importância para a produção e compreensão dos textos (CAVALCANTE, 2012). Enfatizamos, portanto, a importância de estudos sobre essa temática, uma vez que as estratégias de referencialização desempenham um papel vital na concretização do projeto de dizer do enunciador, durante a interlocução.

Neste artigo, analisamos a natureza eminentemente sociocognitiva do fenômeno da referencialização em três textos pertencentes ao gênero piada. Assim, compreendemos que, no ato de referir, estão fortemente imbricados os processos de conhecer, aspecto da cognição, e as experiências culturais, aspecto do social. Respaldamo-nos, sobretudo, em Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), Cavalcante (2012) e Custódio Filho (2011), que argumentam que o aparato de conhecimentos armazenados e de mecanismos de processamento textual provém das experiências socioculturais dos indivíduos, de modo que os aspectos sociais e cognitivos estão sempre entrelaçados na construção da referência.

Frente a essas questões, intentamos, com o presente estudo, colaborar para a compreensão de como os elementos sociais e o aparato cognitivo se imbricam na construção dos sentidos textuais, por meio da mobilização dos processos referenciais. Dessa forma, enfatizamos a relevância da análise proposta nos estudos da Linguística Textual, a fim de destacar a natureza sociocognitiva dos objetos textualmente acionados, que é um dos pressupostos epistemológicos que embasam essa área de estudo da linguagem. Além disso, pretendemos demonstrar que as análises sobre o fenômeno da referencialização não podem se limitar a verificar o papel das expressões referenciais

homologadas no contexto, uma vez que há outras pistas linguísticas importantes na transformação dos referentes.

O artigo se organiza em três seções: na primeira, falamos sobre a proposta teórica do Sociocognitismo, demonstrando como os seus postulados são fundamentais na compreensão do fenômeno da referenciação; na segunda, apresentamos e discutimos os tipos de processos referenciais; na terceira, demonstramos nosso percurso metodológico e nossa análise, além de discutirmos os resultados obtidos.

Sociocognitismo e referenciação

Um dos assuntos mais debatidos na tradição científica se refere ao estudo do processamento mental. As ciências cognitivas têm como objeto de estudo, além dos aspectos estruturais e processuais da cognição humana, o conhecimento. Dessa forma, compreender como nós, seres humanos, aprendemos algo, que mecanismos mentais utilizamos para promover raciocínios e como desenvolvemos a linguagem são temas costumeiros nos postulados cognitivos.

Nesse sentido, assumimos o pressuposto que estabelece o Sociocognitismo como uma proposta que trata sobre o estudo da cognição de maneira inovadora, uma vez que parte de uma relação constitutiva entre conhecimento e práticas sociais, na tentativa de proporcionar novos caminhos para a análise do processamento mental. Assim, os pressupostos sociocognitivistas são fundamentais para se compreender como se dá a construção de referentes no texto/discurso.

A fim de compreendermos as particularidades do Sociocognitismo, apresentamos alguns princípios básicos que caracterizam a corrente teórica que ficou conhecida como Cognitismo clássico, de maneira a ficarem evidentes as diferenças entre essas duas propostas teóricas de conceber o processo do conhecimento e sua relação com as práticas sociais.

O Sociocognitismo é uma corrente teórica muito importante que propõe negações cruciais à perspectiva da Cognição clássica. Os postulados sociocognitivistas apresentam novas propostas ao estudo das interações comunicativas sobre as quais os postulados cognitivistas não se debruçam, sobretudo no tocante à construção do conhecimento a partir das práticas sociais.

Segundo Custódio Filho (2011), o Cognitismo clássico postula como eixo central de sua proposta a ideia de que a mente humana não seria vinculada às questões

corpóreas, como se a mente fosse superior ao corpo e operasse através de modelos precisos e modelares. Ou seja, a mente não se relacionaria à natureza multifragmentada da realidade, uma vez que esta seria uma característica dos indivíduos e da sociedade. Nessa perspectiva, a mente só poderia organizar o conhecimento se operasse num plano diferente do corpo, o que demarca o caráter abstrato e simbólico da proposta teórica. Koch (2017, p. 41) sintetiza essa proposta da seguinte forma:

As ciências cognitivas clássicas vêm trabalhando com uma diferença bem nítida e estanque entre os processos cognitivos que acontecem dentro da mente dos indivíduos e os processos que acontecem fora dela. Para o cognitivismo interessa explicar como os conhecimentos que um indivíduo possui estão estruturados em sua mente e como eles são acionados para resolver problemas postos pelo ambiente. O ambiente seria, assim, apenas um meio a ser analisado e representado internamente, ou seja, uma fonte de informações para a mente individual.

Vemos, então, que, para essa abordagem teórica, o ambiente, o qual engloba a cultura e a vida social, é apenas representado na mente dos indivíduos, de forma que há uma total desvinculação entre os aspectos mentais e os elementos socioculturais, os quais são um fenômeno demasiadamente passivo, para a construção do conhecimento. Koch (2017) explica que, para esse ponto de vista, a cultura é somente uma soma de dados e procedimentos a serem assimilados e armazenados na mente de cada indivíduo. Ou seja, na ótica do Cognitivismo clássico, a cultura é totalmente secundária em relação ao conjunto de mentes que a constituem.

Koch e Cunha-Linha (2005), refletindo sobre as características do Cognitivismo clássico, esclarecem que essa proposta teórica tem como princípios norteadores os seguintes: a total separação entre mente e corpo, ou seja, entre os processos internos e os externos do ser humano; a separação entre atividades cognitivas e aspectos sociais, com total primazia daquelas sobre estes; o pressuposto de mente como sistema de representação simbólica da realidade e da linguagem.

Entretanto, esses princípios têm sofrido críticas contundentes por teóricos ligados a outras perspectivas que tratam do processamento do conhecimento, haja vista considerarem que se voltar unicamente para dentro da mente na busca da explicação para os comportamentos inteligentes e para as estratégias de construção do conhecimento pode acarretar sérios equívocos (KOCH, 2017).

Nesse contexto, Custódio Filho (2011, p. 24) demonstra que as críticas ao Cognitivismo clássico podem ser resumidas em três negações gerais: “1) mente e corpo

não estão separados; 2) o funcionamento da mente não ocorre isolado do meio; e 3) a realidade a ser conhecida não é objetiva ou homogênea”.

O Cognitivismo clássico apresenta, portanto, várias limitações que não dão conta da construção do conhecimento e, conseqüentemente, das interações para a construção de sentidos, uma vez que, nessa corrente teórica, a língua é tratada artificialmente, desvinculada da realidade. Sobre essa questão, Mondada e Dubois (2003, p. 19) explanam que

Os problemas reencontrados pelo tratamento artificial das línguas naturais (quer seja em tradução automática, a propósito do diálogo homem-máquina, ou em robótica) revelam a dimensão problemática de um modelo baseado em um “mapeamento” das palavras sobre as coisas, que avalia as performances discursivas medindo seu grau de correspondência com o mundo exterior. Este ponto de vista pressupõe que um mundo autônomo já discretizado em objetos ou “entidades” existe independentemente de qualquer sujeito que se refira a ele, e que as representações linguísticas são instruções que devem se ajustar adequadamente a este mundo (grifos das autoras).

Conforme observamos, não devemos conceber o pressuposto de que as palavras servem, unicamente, para designar as coisas, e que os indivíduos agem passivamente na construção dos textos. Pelo contrário, os sujeitos constroem seus textos/discursos a partir de seus conhecimentos, construídos sociocognitivamente, e de estratégias enunciativas, que dependem das situações de interação.

A fim de explicar cada uma das negações feitas aos princípios epistemológicos do Cognitivismo clássico, Custódio Filho (2011), apoiando-se em outros estudiosos que tratam do assunto, apresenta pressupostos que os substituam, assentados na proposta sociocognitivista:

- 1) mente e corpo atuam num *continuum*, de modo que “os aspectos motores e perceptuais bem como as formas de raciocínio abstrato são todos de natureza semelhante e profundamente inter-relacionados” (KOCH & CUNHA-LIMA, 2005, p. 275);
- 2) as atividades cognitivas ocorrem em forte interação com o meio, já que “nada ocorre em um ser vivo se não se dá com ele uma história de interações na qual este se realize em uma epigênese² particular” (MATURANA & GARCÍA, 1998, p. 53);
- 3) a realidade é constitutivamente instável, “fabricada”, no dizer de Blikstein (2003), para quem “a nossa percepção não é ‘ingênua’ ou ‘pura’, mas está condicionada a um sistema de crenças e estratégias perceptuais” (p. 50-51) (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 24).

² Maturana (*apud* CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 42) explica que “a epigênese de um organismo é um processo de contínua mudança estrutural que segue um curso em contínua congruência com as mudanças estruturais do meio [...] isto ocorre de maneira que as mudanças condutuais do organismo surgem como resultado de sua história de interações associadas a tal mudança estrutural”.

As reflexões realizadas pelo autor enfatizam que, para o enfoque sociocognitivista, há uma relação intrínseca entre o aparato cognitivo e os aspectos sociointeracionais. Percebe-se, com isso, que a corrente do Sociocognitismo postula a construção do conhecimento a partir da relação entre o processamento cognitivo e as práticas socioculturais. Sendo assim, “muito da cognição acontece fora das mentes, e não somente dentro delas: a cognição é um fenômeno *situado*. Ou seja, não é simples traçar o ponto exato em que a cognição está dentro ou fora das mentes, pois o que existe é uma inter-relação complexa” (KOCH, 2017, p. 42, grifo da autora).

Ressalta-se, portanto, que nossa atividade cognitiva é tributária das nossas ações sociais, ou seja, muitos aspectos cognitivos não são exclusivos dos indivíduos, mas se originam das relações sociais que eles empreendem. O Sociocognitismo se apresenta, assim, como uma corrente de suma importância para dar conta da explicação da relação entre os fenômenos cognitivos e os socioculturais. Esses pressupostos ratificam o pensamento de Azevedo (2008), a qual explana que a visão sociocognitivista assume o compromisso de integrar aspectos sociais e culturais à compreensão que se tem sobre o processamento cognitivo, defendendo que existem muitos processos cognitivos que ocorrem na sociedade, e não somente nos indivíduos.

Torna-se evidente, por conseguinte, a significativa colaboração que essa corrente teórica propiciou aos estudos que se debruçam sobre a natureza do conhecimento e da sua relação com os usos da linguagem. O ser humano aprende a partir das interações que estabelece em suas práticas sociais, e os sentidos não são dados *a priori*, pelo contrário, são construídos nas interações discursivas. Nessa vertente teórica, Custódio Filho e Hissa (2018, p. 21) explicam que

A compreensão e a transformação dos processos, pelos indivíduos, permitem concluir que, se a interação pressupõe ação dos sujeitos (e não apenas submissão), então, a percepção dos objetos e dos eventos do mundo se efetiva mediante reelaborações, dependentes dos interactantes e do contexto em que se encontram. Então, falar em sociocognição demanda uma reflexão importante sobre a relação entre o conhecimento, a linguagem e a “realidade” (grifo dos autores).

Partindo dessa explicação, temos, então, que, durante o percurso de interação, os sujeitos agem, efetivamente, para a construção dos conhecimentos, de modo a reelaborar a “realidade”, uma vez que o Sociocognitismo não só preconiza que o processo cognitivo tem um papel determinante na construção das “coisas” do mundo, como também ressalta a natureza essencialmente instável do designado “mundo real”. Nesse âmbito de considerações, Custódio Filho e Hissa (2018) evidenciam que a linguagem é o aspecto

cognitivo mais profícuo para tratar da relação entre conhecimento e aspectos socioculturais.

Feitas essas considerações, compreendemos que o Sociocognitivismo enfatiza que o processamento do conhecimento e as práticas sociointerativas, que competem para a configuração dos sentidos do/no discurso, estão fortemente imbricados, de modo que a “realidade” a ser engendrada é instável, dinâmica. Dada essa compreensão, a sociocognição pode ser definida como uma “perspectiva de compreensão da teoria sobre a produção, armazenamento e utilização do conhecimento que investe na inter-relação constitutiva dos processos mentais com os aspectos socioculturais” (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO; BRITO, p. 153).

Dessa forma, pretendemos evidenciar que a linguagem é de natureza eminente sociocognitiva. Com isso, as investigações realizadas, atualmente, pelos pesquisadores que se embasam nos pressupostos teóricos da Linguística Textual têm enfatizado a constitutiva relação entre os aspectos socioculturais e o aparato cognitivo, os quais são elementos basilares para a proposta teórica do Sociocognitivismo, na tentativa de explicar questões atinentes às complexas relações entre a linguagem, o conhecimento e a realidade.

Diante dessas considerações, pode-se constatar que tanto o conhecimento desempenha um papel preponderante nas práticas sociais permeadas pela linguagem quanto o papel destas é fundamental na transformação do conhecimento. E a “realidade” a ser concebida advém de todas essas constitutivas relações. Ao adotar tais fundamentos epistemológicos, a Linguística Textual vem contribuindo para “a solidificação de uma proposta, de alcance multidisciplinar, que advoga em favor da intrínseca relação entre pensamento, linguagem, cultura, situação de comunicação e discurso” (CUSTÓDIO FILHO; HISSA, 2018, p. 25).

Assim, o fenômeno da referenciação, esquadrihado nesse arcabouço epistemológico, é conceituado como uma estratégia textual-discursiva e cognitiva, construída nas/pelas práticas sociais, ou seja, os pressupostos teóricos da referenciação se afinam com os pressupostos do Sociocognitivismo. Essa compreensão do processo de referenciação como uma atividade sociocognitiva pode ser ilustrada com as palavras de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 153) ao constatarem que, na configuração do fenômeno,

tem-se, por um lado, que a elaboração de objetos de discurso é um procedimento discursivo-social, pois não se dá alheia à situação de comunicação e ao contexto sócio-histórico mais amplo; por outro lado, a

atividade é também cognitiva, visto que a interação linguística só ocorre porque os sujeitos são capazes de processar intelectivamente os textos que produzem e compreendem. Trata-se, portanto, de um fenômeno inerentemente sociocognitivo.

De acordo com essa ótica, o fenômeno da referenciação deve ser analisado no quadro teórico do Sociocognitivismo. Depreende-se, pela reflexão suscitada pelos autores, que, na configuração dos objetos de discurso, são mobilizados elementos discursivos, sociais e cognitivos, o que salienta a referenciação como uma estratégia sociocognitiva, por meio da qual os interactantes intentam a concretização de seu projeto de dizer.

Explicando a natureza sociocognitiva da referência, Mondada e Dubois (2003) preconizam que a visão dinâmica da referenciação leva em consideração, sobretudo, um sujeito sociocognitivo, em vez de um sujeito simplesmente “encarnado”. Esse sujeito constrói o conhecimento ao curso do cumprimento das interações sociais que estabelece, dando sentido à língua, ao mundo e às próprias práticas comunicativas. A natureza sociocognitiva da referência é entendida, por conseguinte, como intersubjetiva, a qual é construída histórica e socialmente.

Cavalcante (2012) explica que falar em atividade cognitiva dentro da referenciação no escopo da Linguística Textual não significa falar unicamente nos processos mentais, mas, sobretudo, nas formas de raciocínio que são mobilizadas para a produção e compreensão de textos. Dentro desse arcabouço epistemológico, os aspectos cognitivos não podem ser dissociados dos aspectos sociais. Dessa forma, o aparato de conhecimentos armazenados e de mecanismos de processamento textual provém das experiências socioculturais dos indivíduos. Esses conhecimentos estão suscetíveis a variações e adaptações à medida que essas experiências vão ocorrendo. Assim sendo, pode-se afirmar que a construção da referência é de caráter sociocognitivo. A Linguística Textual analisa, portanto, os processos referenciais com base na constatação de que os referentes são construídos na atividade sociocognitiva dos interlocutores.

Também refletindo sobre como a referenciação deve ser analisada sob o enfoque epistemológico do Sociocognitivismo, Custódio Filho (2011, p 261) assevera que

Um dos princípios sociocognitivos é o de que os sujeitos participam ativamente da interação, de modo que sua participação no mundo (com o seu corpo) também gera conhecimentos. No caso da referenciação, isso implica que o desenvolvimento dos referentes só é possível porque o interlocutor participa ativamente da produção dos sentidos, associando o aparato material do texto aos seus conhecimentos.

A partir dessa assertiva, verifica-se que os interlocutores agem sociocognitivamente para a produção dos sentidos dos textos. A construção referencial só se dá quando o interlocutor mobiliza os seus conhecimentos para a compreensão dos textos com os quais interage. Nessa perspectiva, a natureza sociocognitiva na construção dos objetos de discurso se destaca tanto, que Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) chegam a sugerir que o fenômeno textual-discursivo que mais evidencia essa relação entre os aspectos sociais e os elementos cognitivos seja o processo de referenciação.

Portanto, é “no âmbito de uma abordagem sociocognitiva que se propõe a noção de referenciação como atividade discursiva que os sujeitos operam para dizer o que dizem, numa construção conjunta de uma ‘realidade’” (MENESES, 2016, p. 85). Isso acarreta que a “realidade” é criada ou recriada na dinâmica da interação entre os sujeitos sociais, rejeitando, por conseguinte, a concepção de que, no discurso, é representada objetivamente uma realidade concreta.

Realizados esses esclarecimentos, tratamos, na próxima seção, dos tipos de processos referenciais, a partir da perspectiva sociocognitivista, adotada no momento atual pelos pesquisadores que se vinculam aos estudos epistemológicos da Linguística Textual.

Os processos referenciais

Mondada e Dubois (2003), adotando a perspectiva sociocognitivista, preconizam que o ato de referir põe em destaque o caráter constitutivamente instável da realidade, ou seja, no processo de construção da referência, os enunciadores propõem versões do real, a partir das suas experiências sociais e dos seus objetivos comunicativos. Vemos, portanto, que as autoras descartam a concepção segundo a qual a língua representaria objetivamente as entidades do mundo real. A partir desse redimensionamento, não se pode mais considerar

nem que a palavra ou a categoria adequada é decidida *a priori* no ‘mundo’, anteriormente a sua enunciação, nem que o locutor é um locutor ideal que está simplesmente tentando buscar a palavra ou a categoria adequada dentro de um estoque lexical. Ao contrário, o processo de produção das sequências de descritores em tempo real ajusta constantemente as seleções lexicais a um mundo contínuo, que não preexiste como tal, mas cujos objetos emergem enquanto entidades discretas ao longo do tempo de enunciação em que fazem a referência. O ato de enunciação representa o contexto e as versões intersubjetivas do mundo adequadas a este contexto (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 33-34, grifo das autoras).

Depreendemos, da explicação das autoras, que o processo de referenciação leva em consideração que os sentidos são construídos durante o processo de interação entre os interlocutores. Assim sendo, ressaltamos que o ato de referir se constitui como uma atividade dinâmica, intersubjetiva, situada sócio-historicamente, o que inclui os conhecimentos compartilhados pelos sujeitos.

Nesse tocante, frisamos que as escolhas linguísticas dos enunciadores são realizadas conforme o seu projeto de dizer, que depende de fatores sociocognitivos, históricos e discursivos. Dessa forma, é durante o ato de enunciação, que é sociocognitivo, que emergem os referentes, ou seja, objetos construídos no e pelo discurso³:

os referentes de que falamos não espelham diretamente o mundo real, não são simples rótulos para designar as coisas do mundo. Eles são construídos e reconstruídos no interior do próprio discurso, de acordo com nossa percepção do mundo [...], nossas crenças, atitudes e propósitos comunicativos (KOCH; ELIAS, 2018, p. 123)

Assim sendo, é fundamental perceber que os referentes, ou objetos de discurso, são entidades cognitivo-discursivas, construídas durante a interlocução. Dessa forma, os objetos de discurso não correspondem às estruturas linguísticas que os materializam na tessitura textual. Essas estruturas linguísticas são chamadas de expressões referenciais, que podem ser constituídas de sintagmas nominais, de sintagmas pronominais ou de sintagmas adverbiais⁴. Com isso, enfatizamos que referente e expressão referencial são conceitos relacionados, entretanto diferentes (LIMA, 2015).

Nesse sentido, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) explicam que existem três tipos de processos referenciais: a introdução referencial, que corresponde à apresentação dos referentes pela primeira vez no texto, sem que estejam relacionados a nenhum elemento mencionado anteriormente a eles; as anáforas, que correspondem à continuidade de um referente no texto, consistindo, portanto, nas retomadas referenciais; e a dêixis, que tem a característica de promover um elo entre cotexto e situação comunicativa⁵.

Vejamos, no texto a seguir, exemplos de introdução referencial e anáfora.

³ Diante disso, utilizamos, nesta pesquisa, os termos referente e objeto de discurso como sinônimos, uma vez que corroboramos a concepção segundo a qual os referentes são entidades construídas discursivamente.

⁴ No texto em que analisaremos os processos referenciais, mostraremos a ocorrência dos objetos de discurso e das expressões referenciais.

⁵ Neste artigo, abordaremos os dois primeiros processos.

(1)⁶

Camus ou Cami

Me lembro do meu pai treinando seu francês para o discurso que faria em saudação ao Albert Camus, que estava no Brasil e visitaria Porto Alegre. Era “Camus” com final “mus” como em “músculo” ou “Cami”? Eu só sabia que era um francês importante. Depois ele falou mal da sua visita. Nunca ficou claro o que o desagradara tanto no Brasil. Seu desgosto foi com todo o País, não só com Porto Alegre. O que pelo menos livrou a pronúncia do meu pai.

Antes de ler qualquer coisa do Camus, eu já sabia da vida dele, instigado por aquela sua visita à minha cidade quando eu tinha 13 anos. Sua infância na Argélia, sua atuação na resistência durante a ocupação nazista da França e – o que mais me interessava – o fato de ele ter sido goleiro na juventude. Mais tarde, quando comecei a ler sua obra, me interessei pelo mito inteiro. Sua definição do absurdo da existência na figura de Sísifo, sua posição ambígua diante da guerra de independência da Argélia, seus desentendimentos com Sartre, seu prêmio Nobel (que Sartre também ganhou mas se recusou a receber) e sua crescente reputação entre os intelectuais da época como alternativa para o engajamento radical do Sartre, e entre as leitoras da época como a personificação do escritor enquanto galã.

Este ano comemora-se o centenário do nascimento de Camus, cujo nome e cuja influência, acho eu, duraram mais do que as do Sartre. O dele ainda é um modelo de engajamento a ser seguido. Numa entrevista publicada na Les Nouvelles Littéraires, em 1951, ele qualifica a conclusão, representada no mito de Sísifo e o eterno retorno da sua pedra, de que a condição humana é um absurdo inescapável. Diz Camus: “Nada realmente tem sentido? Nunca acreditei nisso. Enquanto escrevia O Mito de Sísifo, eu já pensava no ensaio sobre a revolta que escreveria em seguida”. O ensaio citado pelo autor é o livro O Homem Revoltado, uma receita para que a vida faça sentido, na revolta contra a injustiça.

Neste exemplo, destacamos o referente de “Alberto Camus”, que foi introduzido no texto por meio da expressão referencial que corresponde ao seu nome próprio. A partir daí, todas as expressões que o retomam são anáforas. Então, todas as expressões sublinhadas (exceto a primeira, que diz respeito à introdução referencial) se constituem como retomadas anafóricas. Vemos, portanto, que as retomadas ocorreram por meio de sintagmas nominais, como “um francês importante”, “a personificação do escritor enquanto galã” e “o autor”, e de pronomes, como “ele”, “que” e “seu”.

É fundamental perceber que, durante as retomadas, os referentes passam por modificações que alteram seu estatuto inicial. Dessa forma, as alterações pelas quais o objeto de discurso passa consiste na estratégia de recategorização referencial, a qual é fundamental na efetivação do projeto de dizer do enunciador e, conseqüentemente, na construção da coerência textual. Assim sendo, frisamos que “a recategorização compõe a

⁶ Texto de Luis Fernando Veríssimo. Disponível em: <https://contobrasileiro.com.br/camus-ou-cami-artigo-de-luis-fernando-verissimo/>. Acesso em: 26 fev. 2021.

dinâmica natural de retomada anafórica, pela qual os referentes, ao mesmo tempo que se mantêm no texto por algum tipo de associação, também evoluem em diferentes proporções, em proveito da progressão temática” (CAVALCANTE; BRITO, 2016, p. 119).

Como pode se perceber, no exemplo que analisamos, o foco recai sobre o papel das expressões referenciais na (re)construção dos objetos de discurso. Este é o tipo de abordagem tradicional sobre o fenômeno da referenciação: verificar a relação que se dá entre as expressões referenciais materializadas na tessitura textual para desvelar os tipos de processos referenciais.

No entanto, os estudos mais recentes sobre o processo de referenciação estão considerando a conjunção de todos os aspectos do texto, não se fixando, portanto, nas expressões referenciais explícitas no cotexto, conforme ocorria nas análises tradicionais. Nesse tocante, Cavalcante (2011) e Custódio filho (2014) explicam que a (re)construção dos referentes se dá abstratamente, a partir do trabalho cognitivo dos interlocutores, podendo ou não ser explicitada no texto por meio de expressões referenciais. Dessa forma, há um conjunto de pistas contextuais que colaboram na construção dos traços referenciais.

Assim sendo, o processo de recategorização passa também por um redimensionamento, uma vez que não é obrigatória a homologação de uma expressão referencial para que os referentes passem por transformações. Nesse sentido, Lima (2009, p. 57) destaca a concepção cognitivo-discursiva do fenômeno ao salientar que

i) a recategorização nem sempre pode ser reconstruída diretamente no nível textual-discursivo, não se configurando apenas pela remissão ou retomada de itens lexicais; ii) em se admitindo (i), a recategorização deve, em alguns casos, ser (re)construída pela evocação de elementos radicados num nível cognitivo, mas sempre sinalizados por pistas linguísticas, para evitar-se extrapolações interpretativas; iii) em decorrência de (ii), a recategorização pode ter diferentes graus de explicitude e implicar, necessariamente, processos inferenciais.

Como vemos, segundo a concepção cognitivo-discursiva da recategorização, a transformação dos referentes não precisa necessariamente da homologação das expressões referenciais na materialidade textual, uma vez que outras pistas linguísticas podem auxiliar nessa construção. Nesse sentido, Custódio Filho (2014) ressalta que, além das expressões referenciais, as predicções e os sintagmas adjetivais são pistas fundamentais na construção dos objetos de discurso.

Vejamos, então, um exemplo analisado por Custódio Filho (2014), que demonstra como as pistas linguísticas diferentes da expressão referencial auxiliam no processo de recategorização.

(2)⁷



Neste exemplo, Custódio Filho chama a atenção para o homem descrito pela personagem Radical Chic. Há apenas duas expressões referenciais que (re)constroem esse referente: o pronome “ele” (repetido várias vezes) e o sintagma nominal “o homem da minha vida”. Entretanto, há várias outras pistas que colaboram na transformação dele, auxiliando, portanto, na sua recategorização. Assim, os sintagmas adjetivais “totalmente diferente de mim” e “fumante” e as diversas predicções “Ele gostava de música”, “Ele gostava de ir logo para os finalmentes” etc. desempenham um papel fundamental na construção desse objeto de discurso.

Salientamos, assim, que essa proposta de abordagem intenta dar conta da natureza eminentemente sociocognitiva e complexa do processo de referenciação. Assim sendo, os referentes vão continuamente se transformando durante o percurso textual a partir da conjunção de vários elementos linguísticos, associados aos aspectos sociais, cognitivos e discursivos que influenciam o processo interativo.

⁷ Texto de Miguel Paiva. Disponível em: <http://www.radicalmentechic.blogspot.com.br/Radical%20Chic%202021.jpg>. Acesso em: 7 maio 2010.

Feitas essas explicações, apresentamos, na próxima seção, a metodologia e a análise da nossa pesquisa.

Metodologia e análise dos dados

A pesquisa desenvolvida neste artigo se insere no âmbito da Linguística Textual, em interface com os pressupostos do Sociocognitismo. Realizamos, neste estudo, uma abordagem qualitativa dos dados analisados. Reiteramos que o nosso propósito é analisar a natureza sociocognitiva dos referentes, levando em consideração não só as expressões referencias, mas também as outras pistas linguísticas que colaboram na construção do processo de referenciação.

O *corpus* analisado é constituído de três piadas. Estabelecemos como critério de escolha do *corpus* que os textos a serem analisados deveriam ser piadas que estigmatizam grupos sociais, visto que textos com esta particularidade, normalmente, valem-se de estereótipos, que são uma forma de representação sociocognitiva, o que evidencia, portanto, a imbricação dos aspectos cognitivos e sociais.

O *corpus* foi coletado nos *sites piadas.com, não acredito e piadasnet*, os quais foram escolhidos por terem como foco a publicação de piadas que tratam sobre diferentes temáticas. Além dos textos selecionados nesta pesquisa, temos um *corpus* maior de piadas que podem ser analisadas em futuras investigações.

Para a análise dos textos, adotamos, basicamente, os seguintes passos: inicialmente, verificamos como os referentes analisados foram introduzidos; em seguida, verificamos que expressões referencias e outras pistas linguísticas promovem as recategorizações dos referentes analisados; por fim, verificamos e discutimos como a construção referencial demonstra a natureza sociocognitiva do fenômeno da referenciação. Passemos, então, à análise do primeiro texto.

(3)⁸

O namorado que não acredita em inferno

A garota chega para mãe, reclamando do ceticismo do namorado.

– Mãe, o Pedro diz que não acredita em inferno!

A mãe responde:

– Case-se com ele, minha filha, e deixe o resto comigo!

⁸ Disponível em: < <https://www.piadas.com.br/piadas/sogras>>. Acesso em: 01 mar. 2020.

É essencial, para o humor desta piada, que o leitor perceba que o referente de “a mãe da garota”, que é introduzido por meio da expressão referencial “mãe”, passa por uma recategorização que não está explícita na tessitura textual. Assim, verifica-se que a mãe, ao dizer que a filha pode se casar com o namorado, pois ela resolverá o resto (ela fará o namorado da filha acreditar em inferno), passa por uma transformação: ela será uma sogra malvada, detestável, que transformará a vida do rapaz em um verdadeiro inferno.

Assim sendo, a recategorização do objeto de discurso de “a mãe da garota” como uma sogra detestável não está homologada no texto por meio de uma expressão lexical, uma vez que só há, de fato, duas expressões referenciais que atuam na (re)construção desse objeto de discurso: “mãe” e “comigo”. Entretanto esta recategorização pode ser percebida, visto que trabalhamos cognitivamente para compreendermos os textos, com base nas pistas contextuais. Dessa forma, a relação que se estabelece entre as predicções “– Mãe, o Pedro diz que não acredita em inferno” e “– Case-se com ele, minha filha, e deixe o resto comigo” nos permite perceber que o referente de a “mãe da garota” se recategoriza como uma sogra insuportável.

Vê-se, portanto, que agimos intelectivamente, utilizando nossos conhecimentos prévios, para completar os sentidos dos textos, de modo a estabelecer as relações textuais explícitas e implícitas. Com isso, frisamos que a atividade referencial é cognitiva, pois a interação linguística só ocorre porque os sujeitos são capazes de processar os textos que produzem e compreendem (CAVALCANTE, 2012).

Além disso, é preciso destacar o aspecto social envolvido na construção da referência. Sobre isso, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) salientam que a bagagem cognitiva de um indivíduo é de natureza sociocultural, uma vez que os conhecimentos que adquirimos e os mecanismos de processamento textual provêm das experiências do sujeito no mundo, ou seja, das suas experiências sociais.

No exemplo em tela, verificamos que o conhecimento sobre os aspectos sociais desempenha um papel importante na compreensão do objeto de discurso de “a mãe da garota”. Nesse sentido, a piada reproduz uma ideologia⁹ machista, ao utilizar o estereótipo, ou seja, a representação negativa socialmente compartilhada de sogras como

⁹ Segundo van Dijk (2015), as ideologias são uma forma básica de cognição social partilhada pelos participantes de um grupo, representando identidade de grupo. Tais ideologias representam interesses do grupo e são desenvolvidas no intuito de organizar e controlar seu discurso e outras práticas sociais, que podem consistir em dominar ou resistir a outros grupos.

mulheres que infernizam a vida dos genros, para criar o humor do texto¹⁰. Podemos concluir, com base na participação dos aspectos sociais e do aparato cognitivo para a compreensão dessa piada, que o fenômeno da referenciação é um processo sociocognitivo de construção de sentidos.

Vejam, a seguir, o segundo texto analisado.

(4)¹¹

Um funcionário público está limpando sua mesa depois de anos quando se depara com uma caneta dourada. Ao esfregá-la, uma linda mulher aparece e diz:

– Obrigada por me libertar. Por isso, você tem direito a três desejos.

O homem pensa e logo diz:

– Primeiramente, eu quero que este cubículo horroroso desapareça e no lugar apareça uma praia maravilhosa, com areia branca e coqueiros.

Em um passe de mágica, ele aparece em uma rede em uma praia no Caribe.

– E qual é o seu segundo desejo? – Pergunta a mulher.

– Está muito bom aqui – diz o funcionário público, olhando ao redor – mas um pouco solitário. Eu quero uma mulher linda de biquíni que faça tudo o que eu quiser.

Magicamente, uma bela mulher de biquíni aparece ao lado do homem.

– E seu terceiro desejo? – Pergunta a mulher.

O funcionário, já muito satisfeito, diz:

– Eu quero uma vida sem estresse, fácil e sem trabalho.

Então, num piscar de olhos, ele se vê de volta no escritório.

Neste texto, o objeto de discurso introduzido por meio da expressão referencial “um funcionário público” passa por uma recategorização referencial implícita: ele é um funcionário preguiçoso, descuidado com suas responsabilidades profissionais. Assim, já na predicação “Um funcionário público está limpando sua mesa depois de anos quando se depara com uma caneta dourada”, que inicia o texto, demonstra o quanto esse funcionário é displicente, uma vez que passou vários anos sem ter coragem sequer de limpar sua mesa de trabalho, onde encontra uma caneta dourada, da qual sai uma mulher que lhe concede três desejos.

Com a leitura do texto, confirma-se essa recategorização do referente de “o funcionário público”. Dessa forma, o primeiro pedido que ele faz à mulher, constituído pelas predicações “– Primeiramente, eu quero que este cubículo horroroso desapareça e no lugar apareça uma praia maravilhosa, com areia branca e coqueiros” demonstra a

¹⁰ Defendemos que o leitor deve contestar discursos que se valem de representações sociais negativas estereotipadas, uma vez que tais discursos tentam legitimar relações assimétricas de poder. Dessa forma, refutamos, tanto nesse exemplo quanto nos próximos dois que analisaremos, os estereótipos utilizados pelos enunciadores.

¹¹ Disponível em: <https://www.naoacredito.com/piada-funcionario-publico/>. Acesso em: 01 mar. 2020.

maneira repulsiva como ele vê o seu local de trabalho, querendo, de toda forma, estar em outro lugar. E o seu terceiro pedido, constituído pela predicação “– Eu quero uma vida sem estresse, fácil e sem trabalho”, acompanhado da sua realização, constituída da predicação “Então, num piscar de olhos, ele se vê de volta no escritório”, revela como o homem não produz nada em seu emprego, uma vez que o seu escritório representa uma vida fácil e sem trabalho.

Como vemos, a recategorização de o referente de “o funcionário público” como um homem preguiçoso, que não cumpre suas atribuições profissionais, não está explícita no texto por meio de uma expressão referencial, visto que a expressão que o introduz no texto, “um funcionário público”, e as expressões que o retomam, “você”, “o homem”, “eu”, “o funcionário público”, “o funcionário”, não são as que promovem, efetivamente, essa transformação, mas, sim, as pistas linguísticas formadas pelas predicações. Enfatizamos, assim, que essa recategorização só é possível porque trabalhamos mentalmente para interpretar os textos e, conseqüentemente, construir a referência.

Destacamos também, neste texto, a presença dos aspectos sociais, uma vez que o enunciador se vale da imagem estereotipada de funcionário público como uma pessoa que não gosta de trabalhar nem de cumprir suas obrigações, a fim de provocar o humor na piada. Dessa forma, vemos que ter o conhecimento dessa representação negativa socialmente compartilhada a respeito dos funcionários públicos é de fundamental importância para a compreensão do texto.

Veamos, a seguir, o terceiro e último texto analisado.

(5)¹²

A loira não conseguia passar no teste para nenhum emprego. Resolveu tomar uma atitude extrema para ganhar dinheiro: – Vou sequestrar uma criança! – Pensou! Com o dinheiro do resgate eu resolvo a minha vida...

Ela encaminhou-se para um *playground*, num bairro de luxo, viu um menino muito bem vestido, puxou-o para trás da moita e foi logo escrevendo o bilhete: “Querida mãe, isto é um sequestro. Estou com seu filho. Favor deixar o resgate de R\$10.000,00, amanhã, ao meio-dia, atrás da árvore do parquinho. Ass.: Loira sequestradora”.

Então ela pegou o bilhete, dobrou-o e colocou no bolso da jaqueta do menino, dizendo: – Agora vai lá e entrega esse bilhete para a sua mãe.

No dia seguinte, a loira vai até o local combinado. Encontra uma bolsa. Ela abre, encontra R\$10.000,00 em dinheiro e um bilhete junto, dizendo: “Está aí o resgate que você pediu. Só não me conformo como uma loira pôde fazer isso com outra”.

¹² Disponível em: <https://www.piadasnet.com/piada993loiras.htm>. Acesso em: 01 mar. 2020.

Nesse texto, destacamos dois referentes – o da “loira sequestradora” e o da “loira mãe”. Assim sendo, percebemos que esses dois objetos de discurso passam por uma recategorização que não está homologada no texto por meio de uma expressão referencial: elas são ignorantes, têm pouca capacidade intelectual.

Dessa forma, o referente de “a loira sequestradora”, que é introduzido por meio da expressão referencial “a loira”, sofre uma recategorização na predicação em que ela aparece pela primeira vez no texto: “A loira não conseguia passar no teste para nenhum emprego”. Vemos, por meio dessa informação, que a “loira sequestradora” era tão inepta, que não conseguia ser aprovada em nenhuma entrevista de emprego, por isso resolve sequestrar uma criança, a fim de obter dinheiro.

Então, em sua tentativa de sequestrar uma criança, é confirmada a recategorização da “loira sequestradora” como uma pessoa de pouca capacidade intelectual, uma vez que ela manda o próprio menino que ela estava tentando sequestrar levar o bilhete por meio do qual exigia o dinheiro do resgate para a mãe. Vemos que não é nenhuma expressão referencial que constrói essa imagem do referente, mas o conjunto de informações das predicções.

Da mesma forma como o referente de “a loira sequestradora”, o referente de “a loira mãe” é recategorizado como uma pessoa com pouca capacidade intelectual por meio das predicções, e não por meio da homologação de uma expressão referencial. Vemos que, mesmo ela já estando com seu filho, uma vez que a sequestradora o havia mandado entregar o bilhete, ela faz o pagamento do resgate. Dessa forma, as predicções ““Está aí o resgate que você pediu. Só não me conformo como uma loira pôde fazer isso com outra”” demonstram como a mãe do garoto é ignorante.

Como nos dois outros exemplos analisados, esse texto se vale de uma imagem estereotípica: a da loira como uma “mulher burra”, ou seja, o enunciador utiliza uma visão deturpada e estigmatizada socialmente compartilhada que deprecia um grupo social, a qual é embasada em uma ideologia machista, a fim de tentar provocar o humor na piada.

Ressaltamos que somente pudemos perceber as recategorizações pelas quais os referentes analisados passaram nos três textos porque verificamos outras pistas linguísticas, além das expressões referenciais, que foram as predicções. Salientamos, nesse contexto, a relevância de se analisar a participação das pistas linguísticas diferentes das expressões referenciais, uma vez que elas podem também acrescentar traços de sentidos aos objetos de discurso. Comprovamos, com os três textos analisados, que as predicções podem colaborar na estratégia de recategorização.

Com a análise que empreendemos, verificamos que há, de fato, uma relação fundamental entre o processo de conhecer, aspecto da cognição, e as experiências culturais, aspecto do social, de modo que esses dois planos – o cognitivo e o social – não são apartados um do outro (CAVLACANTE, 2012). Nesse tocante, enfatizamos a reflexão realizada por Custódio Filho (2011, p. 119):

Falar que a referenciação resulta de um trabalho sociocognitivo implica dizer que a construção dos objetos do texto, necessária à produção de sentidos, passa por alguma forma de processamento mental, considerando-se que tal trabalho se efetiva a partir de parâmetros sociodiscursivos previamente apreendidos e atualizáveis em cada situação de interação.

Esses pressupostos ressaltam que a mobilização de conhecimentos prévios é parte essencial para a compreensão dos processos referenciais. Os sujeitos constroem e reconstroem seus discursos a partir de processos sociocognitivos, que atualizam, continuamente, as informações necessárias para a interlocução. Feitas essas considerações, ressaltamos que não podemos pensar na atividade social desvinculada dos aspectos cognitivos, uma vez que “o aparato de conhecimentos armazenados e de mecanismos de processamento textual é originado, enfim, das experiências sociais dos indivíduos” (CAVALCANTE, 2012, p. 112).

Ressaltamos, com a análise realizada, que o processo referencial é essencialmente sociocognitivo. Os aspectos sociais e cognitivos estão sempre entrelaçados, e esse processo é altamente dinâmico, visto que parte do princípio de que os enunciadores, a partir de uma atividade sociocognitiva, reelaboram as suas experiências de mundo.

Considerações finais

Neste artigo, objetivamos demonstrar que o processo de referenciação é marcado pela natureza sociocognitiva dos referentes. Nesse tocante, enfatizamos, nos três textos analisados, que os aspectos sociais se relacionam com o aparato cognitivo para a construção dos objetos de discurso. Dessa forma, tanto o enunciador, durante o processo de produção, quanto o coenunciador, durante o processo de interpretação, empreendem um trabalho sociocognitivo para a efetivação da interação discursiva.

Além disso, pudemos constatar que é fundamental, para uma análise que prime pelos pressupostos sociocognitivistas, considerar todos os elementos que participam na construção da referência. Desse modo, a investigação sobre a estratégia de recategorização não pode se limitar a verificar o papel das expressões referenciais

homologadas na tessitura textual, uma vez que há outras pistas linguísticas importantes na transformação dos referentes. Como vimos, as predicções promovem acréscimos fundamentais para a construção dos traços de sentidos dos objetos de discurso.

Nesse sentido, pretendemos, com esta pesquisa, colaborar para o avanço nos estudos sobre o fenômeno da referenciação, ao demonstrar que é a conjunção dos vários elementos linguísticos, os quais não se limitam às expressões referenciais, associados ao aparato cognitivo e aos componentes socioculturais, os responsáveis pela reelaboração referencial. Dessa forma, salientamos que há um imbricamento dos aspectos sociais e cognitivos na configuração dos sentidos textuais, mediante o acionamento dos processos referenciais.

Concluimos, finalmente, que o fenômeno da referenciação é uma atividade sociocognitiva na qual há o engajamento dos interlocutores para a construção dos referentes nos textos/discursos. Assim sendo, os sujeitos, durante a interlocução, não representam, simplesmente, os objetos do mundo, pelo contrário, eles propõem versões do real, com vistas à concretização do seu projeto de dizer, com base em fatores sociocognitivos, históricos e discursivos.

Referências

AZEVEDO, K. F. de. *(Des)legitimação: ações discursivo-cognitivas para o processo de categorização social*. 2008. 276 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7227/1/arquivo3567_1.pdf. Acesso em: 20 abr. 2020.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. O caráter naturalmente recategorizador das anáforas. In: AQUINO, Z. G. O.; GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. (Orgs.). *Estudos do discurso: caminhos e tendências*. São Paulo: Paulistana, 2016, p. 119-133.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. *Coerência, referenciação e ensino*. São Paulo: Cortez, 2014.

CAVALCANTE, M. M. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2012.

CUSTÓDIO FILHO, V.; HISSA, D. L. A. Linguística Textual e Sociocognição: interação e conhecimentos voltados para a construção dos sentidos. *Organon*. RS, v. 33, n. 64, p. 17-33, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/81576>. Acesso em: 20 abr. 2020.

CUSTÓDIO FILHO, V. Análise da referenciação por meio de traços de significação. In: FIGUEIREDO, M. F. *et al* (Orgs.). *Textos: sentidos, leituras e circulação*. Franca, SP: Unifran, 2014, p. 199-224.

CUSTÓDIO FILHO, V. *Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação*. 2011. 329 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8896/1/2011_tese_vcfilho.pdf. Acesso em: 20 abr. 2020.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

KOCH, I. G. V. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

KOCH, I. G. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do Cognitivismo ao Sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à Linguística*. v. 3: fundamentos epistemológicos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 251-300.

LIMA, S. M. C. A construção de referentes em textos verbo-visuais: uma abordagem sociocognitiva. *Intersecções*, Jundiaí, SP, v. 9, n. 1, p. 61-80, fev. 2016. Disponível em: <https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaInterseccoes/article/view/1251/1134>. Acesso em: 20 abr. 2020.

LIMA, S. M. C. *Entre os domínios da metáfora e da metonímia: um estudo de processos de recategorização*. 204p. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8878/1/2009_tese_smclima.pdf. Acesso em: 20 abr. 2020.

MENESES. Referenciação, uso do léxico e letramento. *Intersecções*, Jundiaí, SP, v. 9, n. 1, p. 81-92, fev. 2016. Disponível em: <https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaInterseccoes/article/view/1255>. Acesso em: 20 abr. 2020.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. A construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

VAN DIJK, T. A. Ideologia. Tradução de Pedro Theobald. *Letras de Hoje*, v. 50, n. esp., p. 53-61, dez. 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/23139/14070>. Acesso em: 30 abr. 2020.